

WILSON FIGUEIREDO

FH e o tempo

A geração
que
vier
depois
talvez
o
reveja
com
simpatia
retrospectiva

pela clareza nem pela oportunidade. Escondia mais do que mostrava.

O presidente devia ter pensado melhor ao assumir o encargo político de dispor da herança de Vargas. A impopularidade encontrou terreno fértil, cresceu e deu várias safras de pesquisas. O que falta ao inconsolável presidente para reencontrar a popularidade perdida? Tempo. Não o escasso tempo do mandato, mas o que virá depois. Qual dos diferentes Fernando Henrique vai prevalecer, mais adiante, na identificação histórica do presidente? Foram vários e se revezaram. O considerado do ramo da esquerda ficou suspeito de esquecer o que escreveu.

Quem sabe prevalecerá aquele que representa o sucesso da classe média, fluente em várias línguas, lépido e imprudente nos improvisos? Visto pelo avesso, o narcisista tem prioridade, o primeiro a se aplaudir. O parlamentarista vestiu-se de presidencialista, gostou e não se explicou. A soma de todos eles, porém, não é melhor do que as partes.

O tempo e Fernando Henrique não se entenderam. Ele, um eterno apressado para quem o mandato, mesmo dobrado, não basta. Ele e o tempo, tanto o atacado – o estoque da eternidade – quanto o varejo de que se encarregam os relógios, se desencontram. O tempo não tem pressa e Fernando Henrique não tem paciência de esperar. A geração que vier depois talvez o reveja com simpatia retrospectiva.

A Era Vargas foi mais do que a soma do ex-presidente e de todos os que vieram depois. Do epitáfio da era insepulta devia constar que a própria UDN – cuja razão de ser era retirar Getúlio Vargas da História – nunca moveu uma palha para retirar o que ele deixou. O brasileiro não entendeu direito o que foi a estabilidade. Bastaram-lhe os resultados. Os economistas que amam números redondos estimaram que uns 13 milhões chegaram à idade do consumo e os salários agüentavam o mês inteiro. Se os de baixo foram iniciados no consumo, os de cima se esbaldaram. As pesquisas aba-

navam o ego presidencial, as importações promoveram a reconciliação pequeno-burguesa, na qual a classe média provou o que lhe pareceu o gosto da burguesia. O Proseco, primo pobre do champagne, veio para ficar como símbolo da época.

A estabilidade virou o refrão do primeiro mandato, com a oposição afônica. O cidadão que fala de quatro em quatro anos o dialeto do voto secreto adiantou nas pesquisas a sua confiança no presidente e fecundou a reeleição. Caiu mal a reeleição, que dissipou o saldo republicano de 100 anos. O marco divisório entre a escalada de popularidade e o que veio em seguida foi o mês de janeiro no qual Fernando Henrique entrou com o pé esquerdo (anatomicamente falando) mas acertou o passo com o direito. Em poucos dias o dólar subia como um foguete e, a cada estágio, ejetava gente do Banco Central vestida com as próprias explicações. Sempre que o dólar sobe, o real desce. O presidente desestabilizou-se emocionalmente e o encanto social da estabilidade se dissipou. Fernando Henrique foi atropelado pela depressão da qual só agora, ao entrar no último ano de governo, dá sinais de recuperação. Foi decisivo o tratamento pela sucessoterapia na Espanha, na França e nos Estados Unidos.

Fernando Henrique ficou perdido, praticamente sozinho numa economia de mercado que não se dá ao respeito, cercado de economistas que se proclamam imunes ao vírus político. A economia não saiu em socorro da política porque não tinha o que oferecer e o governo não iria pagar as reformas que ficou devendo. Os arautos das mudanças desativadas provaram, por A mais B, que elas tinham perdido a oportunidade e podiam perfeitamente esperar outra. Estão esperando até hoje.

Mas os economistas recuaram assim que os políticos se apossaram da crise. A oposição recuperou-se da depressão. Em tempo de eleição, economia não pia. Fernando Henrique ficou sozinho na cena, com os famosos monólogos que ele mesmo não deixa sem resposta, enquanto as pesquisas perguntam em vão ao cidadão em quem vai votar. O presidente foi fazer provas orais fora e dentro do país, mas não é a mesma coisa que saborear uma pesquisa de opinião como foi servida no primeiro mandato, quando a popularidade em alta deixava os adversários de água na boca. A impopularidade consolidada não vai poupar o presidente no último ano. A oposição, mesmo que seja com outros, está credenciada a ganhar, como aconteceu em todas as eleições, desde a primeira, em 1945.